

## REIVINDICANDO O ESPAÇO REPRESENTACIONAL: POSSIBILIDADES DE PESQUISA E EXPERIMENTAÇÕES EM DIÁLOGO ENTRE A ANTROPOLOGIA VISUAL E AS TEORIAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

### *ET 29 - Pedagogias de Gêneros e Sexualidades em Mídias e Artefatos Culturais*

Laíse Rosales Munhoz<sup>1</sup>  
Raphael Albuquerque de Boer<sup>2</sup>

#### RESUMO

Este trabalho é um relato de experiência que tem como objetivo demonstrar como os métodos de produção audiovisuais podem servir como estratégias pedagógicas, através de experimentações de pesquisas antropológicas visuais, em diálogos com as teorias de gênero e sexualidade. Para tanto, relatarei a experiência de ter dirigido o curta-metragem Maria (2021), que possibilitou explorar formas de representação da minha subjetividade, através da articulação entre experiências e desejos que resultaram nessa produção. Argumento que as narrativas resultantes de projetos autoetnográficos, são capazes de produzir contrarrepresentações de sexualidades e gêneros alternativas, que subvertem a mídia convencional e imagens cinematográficas enquadradas pela heteronormatividade e pelo olhar masculino.

**Palavras-chave:** audiovisual; gênero; sexualidade; antropologia, artefatos culturais

#### INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo demonstrar como a realização de produções audiovisuais podem colaborar para a discussão sobre subjetividades relacionadas às representações de gênero e sexualidade, a partir da reivindicação dos espaços representacionais. A democratização de novas tecnologias digitais, principalmente de smartphones, permite que projetos audiovisuais sejam facilmente utilizados como instrumentos pedagógicos em espaços educacionais, aliados às discussões teóricas sobre gênero e sexualidade.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, bolsista da CAPES, [laisemunhoz@hotmail.com](mailto:laisemunhoz@hotmail.com);

<sup>2</sup> Doutor em Estudos Literários e Culturais pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor Adjunto do Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal de Rio Grande (FURG). [raphaelfurg@gmail.com](mailto:raphaelfurg@gmail.com)

Partirei, então, de um relato de experiência de ter dirigido o curta Maria (13m.).

Essa oportunidade surgiu de uma oficina de produção audiovisual na Casa de Cultura Mario Quintana, em novembro de 2021. A oficina tinha como objetivo a qualificação de pessoas para a produção de materiais audiovisuais. As cinco aulas foram divididas em 5 tópicos: roteiro; direção; direção de fotografia; edição e a última aula que resultaria na produção de um material audiovisual finalizado. Na última reunião, antes de iniciarmos as filmagens, o professor perguntou se alguém já tinha algum roteiro finalizado. Eu tinha uma ideia, de um curta sobre uma mulher lésbica, que não morreria no final. Escrevi o roteiro, nos reunimos novamente em um grupo de 11 pessoas que estavam realizando o curso e filmamos Maria (13m.).

Na verdade, eu queria contar a história, de como eu desejava que uma mulher lésbica fosse representada. Como eu, uma mulher lésbica, gostaria de ser representada em produções audiovisuais. A ideia para o roteiro surgiu de uma conversa com a minha esposa, e de trocas com amigos, inclusive o Prof. Raphael de Boer<sup>3</sup>, que contribui para este artigo, sobre as minhas experiências frustradas na adolescência, ao assistir filmes lésbicos que tinham finais trágicos. Realizar o curta Maria (13m.), me possibilitou assumir o “controle” de como eu gostaria que mulheres lésbicas fossem representadas e subverter as imagens estereotipadas e principalmente não-afirmativas, presentes na mídia de massa e no cinema *mainstream*.

Em Maria (13m.), o amor entre mulheres não tem um “final feliz” negado. A retratação do cotidiano da personagem Maria recusa os retratos de homogeneização do “outro lésbico”. É nesse contexto, de experimentação com autoetnografia visual, que a autorrepresentação se tornam um ato de resistência da (sobre)vivência de mulheres lésbicas, que é profundamente marcada pela invisibilidade (Rich, 1980). Demonstrarei a necessidade crítica de modos mais inclusivos e afirmativos de prática na indústria audiovisual, que reconheça a fluidez da subjetividade dos sujeitos e o consequente potencial de mudança na representação de identidades e resistências.

Minha experiência não é totalizante da experiência lésbica, eu sou uma mulher branca, de classe média, de Santa Vitória do Palmar, no interior do Rio Grande do Sul. A experimentação autoetnográfica, possibilitam que outras pessoas, com experiências diversas também possam assumir o controle narrativo e contar as suas histórias através

---

<sup>3</sup> Participo da linha de pesquisa de **Gênero, Sexualidade e Estudos Culturais no Cinema e outras Mídias** do GESE.

de recursos audiovisuais. Ao fazer isso, também foi possível compartilhar vivências com todas as pessoas envolvidas no projeto e aquelas que assistiram o curta em outras oportunidades.

Discutirei, através do diálogos entre as teorias que discutem autoetnografia visuais, proposta pelo campo da Antropologia Visual, presentes nas colaborações de (Mc Doughall, 1998) e (Russel, 1999), a possibilidade da autorrepresentação através de produções audiovisuais. A perspectiva teórica é a pós-estruturalista, que considera o sujeito como fragmentado, atravessado pelas relações de poder e saber que permeiam as práticas sociais, presentes em (Foucault, 1973). A proposta deste trabalho se funda na produção de subjetividades através da produção audiovisual que é constituída discursivamente. Além disso, faz-se importante discutir a questão dos corpos (Butler, 1992), do olhar masculino e do feminismo no cinema (Mulvey, 1975, 1989, 2006) da tecnologia de gênero (de Lauretis, 1994), da linguagem mainstream do cinema (Bordwell, 2006), das identidades e lesbianidades (Rich, 1980, Navarro-Swain, 1999, 2010) e dos artefatos culturais como meios de representações de uma determinada linguagem (Ribeiro, Longaray & Magalhães, 2012).

## **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

O método utilizado para realização de Maria (13m.) foi o da autoetnografia. A negociação do “eu” no contexto dos discursos sobre gênero e sexualidade, torna os filmes autobiográficos um documento etnográfico. (Russel, 1999, pag. 276) vê a autobiografia como uma forma de etnografia experimental. A autora entende que:

a autobiografia torna-se etnográfica no ponto em que o filme – ou o videomaker – entende que a sua história pessoal está implicada em formações sociais e processos históricos mais amplos. A identidade não é mais um eu transcendental ou essencial que se revela, mas uma "encenação da subjetividade – uma representação do eu como performance.

O cinema autoetnográfico torna-se uma estratégia para desconstruir a noção de uma identidade fixa e estável. Histórias pessoais contam histórias que não necessariamente são encontradas nos filmes de grande orçamento. Ao colaborar com Maria (13m.), pude representar no curta, algumas das sensações e sentimentos envolvidos em minhas experiências cotidianas de ser um "outro lésbico". Ao imprimir o meu “eu” no filme, a vivência pessoal, os conhecimentos e perspectivas multissensoriais se corporificam.

Essa construção de si por meio de métodos audiovisuais de representação é um processo criativo que permite uma nova compreensão do ser no mundo, através do posicionamento do corpo, posiciona-se o ponto de vista no mundo. MacDougall (1998) tem sido o principal proponente de uma abordagem fenomenológica e sensorial no cinema etnográfico. Ele sugere que a representação audiovisual pode oferecer caminhos para os outros sentidos e resolver as dificuldades que pesquisadores enfrentam na pesquisa e comunicação sobre emoções, tempo, corpo, sentidos, gênero e identidade. O autor entende a antropologia visual como antropologia performativa. Assim, os filmes não são apenas sobre o visual em si, mas também sobre as relações sociais e emoções que são tecidas em imagens.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A prática de filmar e, em particular, o uso autoconsciente da câmera é um ato político. Seu uso no cinema se assemelha a um ativismo em formação, uma forma de engajamento político criativo e de agência por sujeitos marginalizados e subalternos. As autorrepresentações coletivas possibilitam que os corpos se estendam/habitem o espaço, e ecoam no modo como os sujeitos estão ocupando ativamente o espaço da tela com seus corpos. A conquista desse espaço que é proporcionado através do cinema permite que corpos diversos assumam protagonismo e possam contar histórias que existem, mas são invisíveis nas narrativas dos filmes de grande orçamento.

A aplicação desse método em espaços educacionais depende, contudo, de uma formação prévia em produção de vídeo, ou na habilidade de manejar recursos audiovisuais. O primeiro passo para o desenvolvimento do projeto de criação de filmes autobiográficos em espaços educacionais é organizar uma oficina que ensine a usar as ferramentas necessárias para os participantes produzirem seus próprios vídeos. Esse primeiro contato, por si só, proporciona o compartilhamento de experiências vividas pelos participantes. É possível relacionarmos relatos pessoais às teorias que discutam gênero, sexualidade, e seus desdobramentos no cotidiano.

Outra possibilidade é a do *screening* de curtas e longas metragens, que tratam do tema orientação sexual e identidade de gênero, para demonstrar diferentes estratégias de representação para a visualização de suas próprias histórias. Dentro desse espaço criativo os participantes poderão começar a desenvolver ideias para seus filmes individuais. Os diversos gêneros dentro do cinema permitem o desenvolvimento de diferentes estratégias

de representação e intervenções de acordo com o conteúdo do filme. O desenvolvimento de habilidades cinematográficas possibilita o treinamento para o olhar crítico dos participantes. Depois de aprender a dominar a tecnologia, os cineastas-participantes não apenas podem trabalhar como membros da equipe nos filmes uns dos outros, mas também atuaram como personagens diferentes nos episódios individuais.

A produção da subjetividade através das ferramentas audiovisuais é conceituada como um processo caracterizado por fluidez, oposições e alianças entre posições narrativas. Estudar a relação simultânea entre a articulação de conceitos como idade, raça/etnia, gênero, sexualidade e classe é uma faceta significativa das estratégias pós-estruturalistas. Isso sugere que, para entender as identidades em espaços educacionais, os pesquisadores precisam examinar essas articulações simultâneas de um nexos mutável disperso e localizado de poder social (Foucault, 1976).

Em *Corpos das Margens e Outras Pedagogias Possíveis*, (Silva Júnior; Seffner, 2021) ao estudarem sobre etnografias de cenas escolares, notaram que nestes contextos estão presentes "trajetórias diversas, desejos pulsantes, corpos que importam, aprendizagens que constituem sujeitos e sujeitos que constituem aprendizagens, resistências plurais, desordens criativas, conexões que deixam a norma inquieta, dentre outros movimentos que se dão a partir das margens".<sup>4</sup> Ao utilizar de recursos audiovisuais é possível observar a "realidade vivida" possibilitando ao educador discutir sobre as representações de gênero e sexualidade e seus desdobramentos no cotidiano.

Dessa forma, espera-se que o curta-metragem *Maria* seja um artefato cultural com a possibilidade de trazer potentes discussões sobre a lesbianidade. Isso porque, desse produto audiovisual pode, através de suas representações, emergirem significados, que contribuam para a resistência a imagens heteronormativas do "eu lésbico".

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma abordagem colaborativa do cinema ou da investigação não garante automaticamente a desestabilização das relações de poder e uma subsequente descolonização das metodologias. Dadas as diferentes posições dos sujeitos nessa relação.

---

<sup>4</sup> SILVA JUNIOR, Edson Mendes da; SEFFNER, Fernando. *Corpos das margens e outras pedagogias possíveis*. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*. Rio de Janeiro, RJ. Vol. 7, n. 1 (2021), p. 233-253, 2021.

Ao realizar Maria (13m.) utilizei da minha perspectiva, da minha própria subjetividade, e de agência, que não é fixa, mas está em um processo em curso de tornar ser quem se é ou que se quer ser. Nesse projeto, colaborei com outros colegas que partilhavam de visões diferentes da minha, com vivências diferentes da minha, o que acrescentou para uma compreensão maior da forma como eu era interpretada através daquele instrumento audiovisual. As respostas foram múltiplas. O curta foi reproduzido na Casa de Cultura Mario Quinta, posteriormente foi debatido em uma reunião do GESE/FURG, de forma muito frutífera, agregando novos significados ao produtivo final.

Antropólogos e educadores têm a chance de integrar representações audiovisuais em diferentes plataformas de mídia, de redes sociais, capazes de fomentar os mais diversos debates sobre gêneros e sexualidades. O que precisamos é o desenvolvimento de uma comunidade de prática inventiva no campo da antropologia visual, e das práticas pedagógicas, a exemplo da autoetnografia visual, que olhe além das fronteiras da disciplina, em diálogo com outras teorias, e não se esquive de experimentar com ferramentas audiovisuais. Por meio da criação de autoetnografias visuais colaborativas, os diretores não apenas podem controlar suas representações, mas também assumir as suas próprias narrativas, seja do seu cotidiano, seja em forma de um desejo, de como eles gostariam de se enxergar no mundo.

Não apenas o produto final como crucial para a intervenção pública e mudança social, aqui quero enfatizar, sobretudo, a importância do processo de criação e sublinhar os efeitos emancipatórios que podem ser obtidos através dele. Proponho olharmos para o fazer audiovisual não apenas no produto final, mas também durante todo o seu processo como prática pedagógica. Espaços educacionais são lugares onde os significados e identidades sexuais são discursivamente produzidos por meio de estruturas e processos cotidianos. Ao capturar a compreensão dos participantes sobre os discursos de gênero e sexualidade, é possível analisar como esses saberes foram articulados pelos participantes, que são agentes sociais e produtores de significado ativos em suas próprias vidas. Ser capaz de determinar o que, como e onde as imagens serão capturadas, assim como todo o processo produtivo em si, permite a compreensão e elaboração das subjetividades das pessoas envolvidas no projeto.

## **REFERÊNCIAS**



BUTLER, Judith. 2019a. *Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo"*. São Paulo: n-1 edições, Crocodilo Edições, 400p.

BORDWELL, David. 2006. *The Way Hollywood Tells it : Story and Style in Modern Movies*. University of California Press: London.

COSTA RIBEIRO, P. R., Azevedo Longaray, D., & Corpes Magalhães, J. , 2012. A produção dos significados sobre a homossexualidade em diferentes artefatos culturais. *Revista Entreideias: Educação, Cultura E Sociedade*, (19).

DE LAURETIS, Teresa. 1994. A Tecnologia do Gênero. In: HOLANDA, H. B. (org.). *Tendências e impasses: o feminino como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco,.

FOUCAULT, Michel 1976. *A história da sexualidade. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.

MACDOUGALL Douglas. 1998. *Transcultural Cinema*. Princeton, Princeton University Press.

\_\_\_\_\_. 2005. *The Corporal Image: Film, Ethnography, and the Senses*. Princeton, Princeton University Press.

MULVEY, Laura. 1975 "Visual Pleasure and Narrative Cinema". *Screen* 16(3): 6–18.

\_\_\_\_\_, 1989. *Visual and Other Pleasures*. Bloomington: Indiana University Press.

\_\_\_\_\_, 2006. *Death 24x a Second: Stillness and the Moving Image*. London: Reaktion Books Ltd.

NAVARRO-SWAIN, 1999. Tania. Feminismo e Lesbianismo: a identidade em questão. In: *Cadernos Pagu: Simone de Beauvoir e os feminismos do século XX*. Campinas: ed. UNICAMP, n. 12, p. 109-120.

RICH, Adrienne. 1980 "Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence". *Signs: Journal of Women in Culture and Society*.5(4): 631–660. doi:10.1086/493756. ISSN 0097 9740. S2CID 143604951. University of Chicago Press Journals.

RUSSEL, Catherine. 1999. *Experimental Ethnography: The Work of Film in the Age of Video*. Durham/London, Duke University Press.

SILVA JUNIOR, Edson Mendes da; SEFFNER, Fernando. *Corpos das margens e outras pedagogias possíveis*. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*. Rio de Janeiro, RJ. Vol. 7, n. 1 (2021), p. 233-253, 2021.